

## REPORTAGEM ESPECIAL



## CRACK

## PONTOS MUDAM, MAS

## O DRAMA CONTINUA

Usuários trocam de lugar, mas não largam consumo da droga

RODRIGO REZENDE  
ANDRÉ FALCÃO  
KATILAINE CHAGAS

A situação pode até migrar, mas o drama de quem é usuário de crack se mantém independente do local encontrado para se abrigar para alimentar o vício.

Reportagem do G1 e da TV GAZETA entrou em quatro cracolândias durante o mês de dezembro passado. Na Capital, passou pela Praia do Canto (atrás da antiga Giacomim), pela Vila Rubim (perto da Ponte Seca) e pelo Sambão do Povo.

Um dos entrevistados foi “João”. O nome é fictício, mas a história é real. Ele tem 30 anos e usa crack desde os



Homem mostra pedras de crack: “Usou, viciou”, diz

16. Perdeu os pais jovem. Se envolveu com “pessoas erradas” e, por causa do vício, foi abandonado pelos irmãos. Antes da droga, trabalhou com carteira assinada e ajudou com as despesas de casa. Hoje, vive na rua ou em Cen-

tros de Atenção Social. Está desempregado, mas faz “bico” de ajudante de pedreiro. Em uma briga, perdeu a visão de um dos olhos e agora tenta se aposentar.

Questionado se havia contado a própria história

para alguma outra pessoa que não estivesse sob o efeito do crack, “João” disse que, na rua, ninguém havia nem olhado para ele e, muito menos, dito “bom dia”, pelo menos uma vez, em todo o ano passado. “As pessoas acham que a gente é bandido, mas a maioria tem família e é gente de bem. Estamos doentes”, comentou.

A reportagem constatou que existe uma grande migração de usuários, que vão de um lado para o outro das cidades. Por exemplo, debaixo da Ponte Seca ficava a maior cracolândia de Vitória. Agora, o local está vazio. O grupo migrou para o Sambão do Povo depois do início da restauração da ponte.

Ainda em Vitória, outros prontos migratórios

## VÍCIO

6

mil  
É a quantidade de usuários de crack registrados em 2014 pela Fiocruz.

ficam entre a Praia do Suá, perto da antiga Giacomim; na Avenida Leitão da Silva, próximo à escola estadual; e na Praça do Cauê, em Praia de Santa Helena.

A secretária de Gestão Estratégica de Vitória, Bianca Assis citou as abordagens como as responsáveis pelas migrações dos aglomerados de pessoas em situação de rua. “Como depende da vontade

da pessoa, ela sai”, diz.

Segundo a Prefeitura de Vitória, no início da gestão, em 2013, havia cerca de 150 pontos de aglomeração de moradores de rua. Hoje são aproximadamente 15. Em 2013, eram 732 pessoas em situação de rua. Hoje são cerca de 130. “Há de fato uma migração”, diz.

Os usuários alegam que migram por causa da postura da polícia e da população. “A polícia chega, despreza, faz o quer. Eles deviam perguntar se a gente quer um tratamento e não chegar logo batendo. Dependendo do lugar onde nós estamos, a classe média alta, com sua discriminação, ao invés de conversar e explicar, chama a polícia, que vem agredindo”, disse João.



**Na calçada**  
Usuários escolheram como ponto a marquise de uma boate na Praia do Suá.  
FOTO: Reprodução TV Gazeta

“João” é um dos mais de 6 mil usuários de crack registrados, em Vitória, até 2014. O dado é da última ‘Pesquisa Nacional sobre o Uso do Crack’, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que deve ser apresentada ainda no primeiro semestre de 2016. O levantamento anterior a este mostra que, somando capitais e o DF, são mais de 370 mil usuários de crack, o que corresponde a um número maior que a população de cidades como Vitória, Palmas e Boa Vista.

No Brasil, 79% dos usuários são homens e 58% têm ensino fundamental. Sendo que, nas capitais, 78% são negros. A pesquisa ainda aponta que só 2% tem ensino superior, 12,8% pedem esmola e 7% se prostituem para ter a droga.

Em uma cracolândia na Vila Rubim, no Centro de Vitória, uma mulher, que não vai ser identificada, topou conversar e contar como consegue dinheiro para comprar crack. Para pagar pelas 10 pedras que fuma por noite, ela se prostitui. “Arrumo dinheiro ficando com homem, fazendo programa”, disse.

Outro caso conhecido nesta imersão pelas cracolândias é de um professor de capoeira que voltou a usar o crack depois de dois anos livre. “Se usou uma vez, viciou. Podem passar 15, 20 anos, que vai voltar a usar. Basta ver ou sentir o cheiro, que bate a vontade de usar de novo. Ele (o crack) veio pra acabar com a vida do homem, de qualquer pessoa”, disse.

#### POLÍCIA

Por nota, a Polícia Militar afirma que a droga deixou de ser apenas um problema de segurança e virou uma questão de saúde pública e social. “Por isso a participação das prefeituras é imprescindível para desenvolver ações específicas para atender aos moradores de rua”, diz trecho da nota.

Sobre a violência de policiais relatada por um usuário, Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp) respondeu, em nota, que “a Polícia Militar desconhece qualquer registro de abordagem violenta a moradores em situação de rua. APM atua quando é chamada pela população nas ocorrências criminais praticadas por usuários de drogas”

**CONTINUA** na edição de amanhã os tratamentos para a recuperação de dependentes.



CARLOS ALBERTO SILVA

## Medo de roubos

Osmário de Oliveira Fialho, 72, mora e tem comércio em Bento Ferreira há 39 anos e já viveu momentos cíclicos de medo. “A gente sabe que eles estão drogados por causa do jeito deles. É muito roubo que acontece aqui. Já invadiram a casa de uma pessoa”, diz.

# Acuados, moradores denunciam roubos

Quem vive ou trabalha hoje no bairro Bento Ferreira, em Vitória, é exemplo de que não há quem escape das consequências das drogas: o usuário entorpecido e disposto a quase tudo para conseguir mais droga, familiares preocupados e moradores com a sensação de medo das consequências que do vício alheio.

Desde que a Ponte Seca começou a ser interditada, no final do ano passado, os moradores de Bento Ferreira notaram o aumento de usuários de drogas e de pessoas em situação de rua no local, principalmente embaixo de uma marquise de uma boate na divisa do bairro com a Praia do Suá.

Apesar da questão ser de saúde pública, os morado-

#### SUSPEITA

“Realmente, onde eles ficam há aumento de pequenos furtos, arrombamentos de veículos”

**LAURO COIMBRA**  
DELEGADO

res não escondem o medo. “Aqui é de dia, de tarde e de noite com medo”, relata o comerciante Osmário de Oliveira Fialho, 72 anos.

O comerciante é um entre tantos que associam a presença dos usuários de drogas a roubos e arrombamentos. E eles não estão totalmente equivocados. “Realmente, onde ficam há aumento de

pequenos furtos, arrombamentos de veículos. Sempre tem autuações em flagrante de usuários e moradores de rua”, afirma o delegado Lauro Coimbra, chefe da 1ª Delegacia Regional de Vitória.

A presença de usuários de drogas é tão ostensiva que os moradores conseguem descrever a rotina deles. “Todos os dias à tarde dormem na esquina do meu prédio. De dia eles dormem, à noite eles ficam vagando pelas ruas”, relata um advogado que mora em Bento Ferreira e trabalha no bairro vizinho, na Praia do Suá.

O delegado aponta que os crimes relacionados aos usuários de drogas são caracteristicamente sem violência física. “São furtos de oportunidade.”

## “Acho que é uma visão mais preconceituosa”, diz secretária

A secretária de Gestão Estratégica de Vitória, Bianca Assis, avalia como preconceituosa a associação de usuários de drogas e moradores de rua aos casos de roubos. “Acho que é uma visão mais preconceituosa que fática. Pode cometer algum tipo de violência, mas isso não tem a ver com ser pessoa em situação de rua.”

A prefeitura criou em 2013 o programa “Onde anda você?”, que une projetos para promover a reinserção social da população de rua.

Há duas equipes de campo: uma para abordagens e

outra com consultório na rua. As abordagens são feitas todos os dias, das 8h à meia-noite. “Algumas requerem tratamento. Outras, abrigo. Em qualquer lugar que a gente perceba pessoas em situação de rua a gente aborda”, diz a secretária. Em locais em que se identifica aglomeração, o número de abordagens é feito mais de uma vez por dia.

Ela aponta ainda que o usuário de drogas que não possui um lar é mais fácil de ser resgatado. “Temos essa percepção, em função da vulnerabilidade, aceitam

(ajuda) mais fácil”, diz.

A secretária aponta que é fundamental para a sensação de ambiente seguro a ocupação dos espaços urbanos da cidade. Entre as ações, cita a melhoria da iluminação e ocupação da cidade com atividades públicas, como aulas de ginásticas na praia e parques.

A Prefeitura da Serra informou que também faz abordagens e que as pessoas são encaminhadas para tratamento de saúde, contra álcool, no Centro de Atenção Psicossocial, no Parque Residencial Laranjeiras.

#### PONTOS DE USO DE DROGAS



Usuários ficam em marquise de boate até de dia



Ponte Seca, na Vila Rubim, foi trocada pelo Sambão